

# Diálogo

Danuse Pereira Vieira

**A** voz de Drummond leva-nos a pensar sobre um vocábulo que perpassa a história humana. A palavra chegou-nos pelo latim *dialogus*, resultado da fusão dos termos gregos *δίᾱ* (*diá*) e *λόγος* (*logos*)— respectivamente através e palavra. Há diversos estudos filosóficos, linguísticos que discutem a complexidade de relações que podemos estabelecer para espelhar as nuances do termo diálogo.

Reflexões filosóficas por via da construção de diálogos estiveram presentes em Platão, discípulo de Sócrates, que por meio de construções narrativas criava histórias e incluía personagens que teciam trocas e discussões sobre temas que tramavam dialeticamente a filosofia platônica: “A obra de Platão está composta por muitos diálogos porque imita a multiplicidade, a variedade, a heterogeneidade do ser” (STRAUSS, 2005, p. 95). As narrativas escritas por Platão, nas quais Sócrates é o personagem principal, são chamadas de diálogos socráticos e ecoam ideias de Platão. Tais escritos utilizam o recurso do diálogo para apresentar argumento, não recorrendo assim a simples explanação, mas a caminhos reflexivos.

Nos trinta e cinco diálogos presentes na obra de Platão há quatro períodos distintos: diálogos de juventude ou socráticos; diálogos ditos de transição; diálogos de maturidade; diálogos considerados de velhice. Por extensão, dada por tal modalidade discursiva, podemos inferir que os processos dessa construção de postulados filosóficos tocavam a literatura. É possível encontrarmos nos escritos de Platão discussões que contextualizam *Ilíada* e *Odisseia* de Homero e evidenciam a relação entre cultu-

*Há tantos diálogos [...] Escolhe teu diálogo/ e tua melhor palavra/ ou teu melhor silêncio./ Mesmo no silêncio e com o silêncio/dialogamos.”*

Carlos Drummond de Andrade <sup>1</sup>

ra e a formação daquela sociedade:

[...] Decerto aprendeste isso com Homero. Era muito afeiçoado a Autólico, avô materno de Odisseu, e a seu respeito declara ser ele conhecido entre os homens pelos seus perjúrios e roubos. Assim, de acordo com tua opinião, de Homero e Simônides, a justiça é uma espécie de arte de furtar. (PLATÃO, 2000, p. 59).

[...] Pediremos a Homero e aos demais poetas que não nos levem a mal riscarmos todas essas passagens [...] Quanto mais belas forem poeticamente, menos indicadas serão para rapazes e homens que tenham de viver livres e recluir mais a escravidão do que a morte. (PLATÃO, 2000, p.137).

O diálogo platônico faz um convite à conversação, convida o leitor a convocar a literatura e com ela quebrar o elemento monológico para tecer outros significados, já que “[...] o diálogo traz a marca não de uma, mas de várias individualidades” (BAKHTIN, 2016, p. 115). A filosofia e a literatura se colocam em par para provocar o deslocamento do senso comum, a discussão de temas que perpassam a sociedade e a (re)construção de novos diálogos a partir da arte e da filosofia. Segundo Teixeira (1999, p.25), por trás da construção dos e nos diálogos platônicos encontrava-se a questão: “[...] qual é o modelo de homem e que sociedade queremos? Esta talvez tenha sido a preocupação central de Platão”. Este, tomado por grande engenhosidade, tornou-se um gigante da filosofia, da literatura e da política (MONDIN, 2001), por meio do método dialógico proble-

matizou as aparências sensíveis e tocou o conceito da dialética, que literalmente significa caminho entre as ideias. Num pulo no tempo e nas palavras de Drummond que abrem este texto — escolha teu diálogo e palavra.

O campo da literatura é vasto em construções pautadas em múltiplas trocas, das quais a matéria-prima é o signo linguístico. Este que não só faz parte da urdidura que compõem a parole, mas que carrega consigo sentidos, discursos explícita/ implicitamente e que convoca os interlocutores a uma atitude responsiva, ou seja, ao encadeamento de diálogos. Muitos pensadores deram início a reflexões sobre os discursos cotidianos, artísticos, científicos, políticos pelos quais trocas dialógicas são construídas por meio do(s) uso(s) da linguagem.

Mikhail Bakhtin (1895-1975) em parcerias com outros pensadores de sua geração foi um dos grandes intelectuais preocupado em estudar as teias dialógicas presentes na literatura, na arte, na linguagem. O filósofo russo produziu um grande volume de textos que inspirou/inspira áreas diversas como a Linguística, a Filosofia, a Crítica Literária, a História, a Educação — múltiplas são as ressonâncias e diálogos tecidos com o pensado por Bakhtin e seus pares, o que torna difícil demarcar as fronteiras nas quais o situaríamos. Já em seu tempo foi líder de um grupo que ficou notório como o “Círculo de Bakhtin”. Este, responsável por fazer reverberar e amadurecer postulados bakhtinianos, teve pensadores como Valentin Voloshinov (1895-1936) e Pavel Medvedev (1891-1938), membros com potentes pensamentos criativos, singulares para pensar o fenômeno dialógico específico da cultura de Petersburgo de 1920 (BRANDIST, 2013).

O grupo oferece contribuição ímpar para os estudos na contemporaneidade que investigam a linguagem, o discurso e seus processos de interação mediados pelo(s) diálogo(s). Com efeito, muito são as pesquisas com perspectivas dialógicas sobre língua(gem) que foram ampliadas a partir da concepção de que:

Cada enunciado deve ser visto antes de tudo como uma resposta aos enunciados precedentes de um determinado campo [...] ele os rejeita, confirma, completa, baseia-se neles, subentende-os como conhecidos, de certo modo os leva em conta. (BAKHTIN, 2003, p. 297)

Poder-se-ia indicar que para muito além da conversa perante ao outro, Bakhtin e seu círculo ao pensar o diálogo o imbricaram na interação e constituído a partir da resposta e em relação ao outro. Nesse jogo discursivo temos de um lado o discurso de um enunciador, formado e perpassado por um determinado campo/ esferas, e de outro a resposta de seu interlocutor enredada por um/ns discurso(s) que pode(m) carregar refutação, julgamento, concordância na negociação dos sentidos entre interlocutores. Esse movimento do discurso é chamado de dialogismo constitutivo: “a palavra do outro é condição necessária para a existência de qualquer discurso, sob um discurso há outro discurso” (FIORIN, 2010, p. 40).

Tem particular importância sublinhar que os estudos bakhtinianos repousam na metáfora do diálogo que espelha a multiplicidade das vozes sociais nos processos de interação. Isso significa que o indivíduo não ecoa discurso(s) isoladamente, mas que as vozes sociais estão entrelaçadas numa dinâmica cadeia de responsividade que compõem o diálogo inconcluso, já que “[...] possui um volume que a sua superfície não consegue conter por inteiro. E, por outro lado isso que oferece uma história possível ao diálogo, que é sempre pleno de possibilidades não realizadas” (CLOT, 2010, p.177).

Pela esteira bakhtiniana, o diálogo nunca finda, pois o viver é dialógico. Interpreta-se que o homem, a mulher, a criança, o jovem, o/a LGBTQI+... todos aprendem de corpo inteiro, com “[...] os olhos, os lábios, as mãos, a alma, o espírito, todo o corpo” (BAKHTIN, 2003, p. 297). Pois que: “Quando termina o diálogo, tudo termina”. (BAKHTIN, 2008, p. 293).

## NOTA

1 O constante diálogo, *in* Discurso de primavera e algumas sombras, 2014.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, C. D. de. **Discurso de primavera e algumas sombras**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. Tradução Paulo Bezerra. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

\_\_\_\_\_. **Problemas da poética de Dostoievski**. Tradução de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

\_\_\_\_\_. **Os gêneros do discurso**. Tradução de Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34, 2016.

BRANDIST, C. **Iurii Pavlovich Medvedev: um obituário**. Tradução de Cláudia Garcia Cavalcante. *Bakhtiniana*, São Paulo, v.8, n. 2, p. 253-256, jul. /dez 2013.

CLOT, Y. O diálogo em desenvolvimento M. Bakhtin no trabalho. In: PAULA, L. de; STAFUZZA, G. (Orgs). **Círculo de Bakhtin: diálogos in possíveis**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010. p.175-198.

FIORIN, J. L. Categorias de análise em Bakhtin. In: PAULA, L. de; STAFUZZA, G. (Orgs). **Círculo de Bakhtin: diálogos in possíveis**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2010. p.33-48.

MONDIN, B. **Storia dell'Antroologia Filosofica**. V. 1. Bologna: ESD, 2001.

PLATÃO. **A República**. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém: EDUFPA, 2000.

STRAUSS, L. **La ciudad y el hombre**. Buenos Aires: Katz, 2005.

TEIXEIRA, E.F.B. **A educação do homem segundo Platão**. São Paulo: Paulus, 1999.

## SOBRE A AUTORA:

Danuse Pereira Vieira é professora da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense – FEUFF. É bacharel e licenciada em Letras Clássicas, doutora e mestra em Linguística Aplicada pela UFRJ. No magistério, atua na Educação Básica e realiza pesquisa no campo dos estudos linguísticos, em especial, na esfera do(s) letramento(s).

Currículo Lattes:

<http://lattes.cnpq.br/2581786214154404>